

IV CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:

Desafios Contemporâneos das
Sociedades Ibero-Americanas

De 23 a 27 de agosto de 2021

EVENTO ONLINE

ANAIIS DO EVENTO

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



Comissão Organizadora

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Marcelo Feldhaus	Diretor de Ensino de Graduação Representante da Pró-Reitoria Acadêmica Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Carlos Renato Carola	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato	Coordenadora do Curso de Artes Visuais Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Bruno Dandolini Colombo	Curso de Educação Física Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Cibebe Beirith Figueiredo Freitas	Coordenadora Adjunta do curso de Letras Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Jeferson Luis Azeredo	Comissão de Divulgação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Lucene Cândido Magnus	Representante discente do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Vanessa Marcos Medeiros	Representante do Conselho Editorial Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Rafaela Ribeiro Pereira	Representante da Diretoria de Ensino de Graduação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Comissão Científica

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Graziela Fátima Giacomazzo	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Prof. Dr. José Antonio Mateo	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) Universidad Nacional de Entre Ríos - UNER (Argentina)
Profª. Dra. Ana Paula Vosne Martins	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Profª. Dra. Silvia Maria de Favero Arend	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Profª. Dra. Amalia Morales Villena	Universidad de Granada - Espanha
Profª. Dra. Maria Stephanou	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Denise Balarine Cavalheiro Leite	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Ana Sabrina Mora	Universidad Nacional La Plata - UNLP (CONICET) - Argentina
Profa. Dra. Patrícia Ferraz de Matos	Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Miguel Anxo Santos Rego	Universidade de Santiago de Compostela - Espanha
Prof. Dr. Agustín Escolano Benito	Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE) - Espanha
Prof. Dr. Alex Sander da Silva	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Prof. Dr. António Gomes Ferreira	Universidade de Coimbra - Portugal
Profª Dra. Patricia Paola Ames Ramello	Pontificia Universidad Católica del Perú - Peru
Profª Dra. Maria Luiza Rico Gómez	Instituto Universitario de Estudios Sociales da América Latina Universidade de Alicante - Espanha
Profª Dra. Maria João Mogarro	Instituto de Educação Universidade de Lisboa - Portugal

Grupos de Trabalho

Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves

Finanças

Amalhene Baesso Reddig, Aurélia Regina de Souza Honorato e Maxuel Sander Flor

Cultura

Birgit Harter Marques e Matheus Zimmermann

Monitoria

Caroline Bortot, Jeferson Luis de Azeredo e Lucas Damásio

Comunicação e Divulgação

Lucene Cândido Magnus e Rafaela Ribeiro Pereira

Secretaria Geral

Leila Laís Gonçalves, Paulo Martins e Wender Firmino

Tecnologia

Carlos Renato Carola e Cibele Beirith Figueiredo Freitas

Apresentações de Pôsteres

Secretaria

Rafaela Ribeiro Pereira

Secretária da Diretoria de Ensino de Graduação
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Diagramação

Victor Burato

Designer

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



GT20

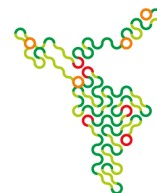
**Educação do Campo e
Educação Ambiental:
caminhos entrelaçados pelos
povos do campo.**

SUMÁRIO

CLIQUE E SEJA DIRECIONADA/O PARA O TRABALHO

7 MARX E A FILOSOFIA EPICURISTA: DA LIBERDADE ATÔMICA À EMANCIPAÇÃO HUMANA NO TRABALHO EDUCATIVO

Waldiléia do Socorro Cardoso Pereira/a



MARX E A FILOSOFIA EPICURISTA: DA LIBERDADE ATÔMICA À EMANCIPAÇÃO HUMANA NO TRABALHO EDUCATIVO

Waldiléia do Socorro Cardoso Pereira/a¹

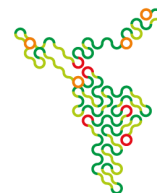
Resumo: O artigo socializa reflexões realizada em curso de pós-graduação quando nos debruçamos sobre leitura da obra de Karl Marx denominada “Diferenças entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro”. Nosso objetivo foi discutir as divergências e convergências nos sistemas filosóficos pontuadas por Marx e articular analogamente o sentido da liberdade epicurista na proposta educativa marxista, em vista da formação humana. A metodologia parte dessa leitura e fichamento das ideias centrais, seguida a dialogação no coletivo, após reflexão que culminou na produção textual. A obra trata da tese de doutorado de Marx, em Filosofia, escrita aos 23 anos de idade na Universidade de Jena na Alemanha em 1841. Utilizando os olhos dialéticos do mestre Hegel, Marx constrói sua análise emergindo elementos basilares nos sistemas filosóficos de Demócrito e Epicuro, ao fazê-lo encontra elementos que servirão como premissa para propositura do que vem a ser materialismo histórico dialético, nesse movimento, cria conexão entre os postulados materialistas de Feuerbach junto ao idealismo de Hegel. O tema é propício para compreender no âmbito da pesquisa, como a dimensão filosófica que alicerça o método exerce sua intencionalidade. A liberdade do átomo na teoria epicurista traduz-se como estado germinal da liberdade humana, sendo o humano advindo daquele. Entendendo o ato educativo como parte considerável da existência, a liberdade seria então gestada no ato educativo e lutas contraditórias. A perspectiva educativa marxista em Saviani (2011), Manacorda (1991), Mészáros (2008) e Gramsci (2001) entre outros se colocam aqui alimentando nossos argumentos.

Palavras-chave: Educação marxista. Trabalho e liberdade. Filosofia da natureza.

KARL MARX AND THE EPICUREAN PHILOSOPHY: FROM ATOMIC FREEDOM TO HUMAN EMANCIPATION AT THE EDUCATION WORK

Abstract: The article socializes bibliographic research carried out in a postgraduate course, when we look at the work of Karl Marx called "Differences between the philosophies of nature in Democritus and Epicurus". Our objective is to discuss the divergences and convergences in the philosophical systems punctuated by Marx and to articulate analogically the sense of epicurean freedom in the Marxist educational proposal, in view of the human formation. The methodology is based on the reading and writing of the central ideas, followed by dialogue in the collective, after reflection that culminated in textual production. The work deals with the doctoral thesis of Marx in Philosophy, written at the age of 23 at the University of Jena in Germany in 1841. Using the dialectical eyes of Master Hegel, Marx constructs his analysis by emerging basic elements in the philosophical systems of Democritus and Epicurus, in doing so he finds elements that will serve as a premise for proposing

¹ Doutoranda em educação/PPGE/UFSCar/GEPEC. Comitê Estadual de Educação do Campo/Manaus. SEMED/MAO/AM. Pedagogia/FSDB/AM. Bolsista CAPES/FAPEAM. Manaus/AM/Brasil. E-mail: labanga_manauas@hotmail.com



what becomes dialectical historical materialism, in this movement, it creates a connection between Feuerbach's materialist postulates with Hegel's idealism. The subject is propitious to understand within the scope of research, as the philosophical dimension that underlies the method exerts its intentionality. The freedom of the atom in the epicurean theory translates as the germinal state of human freedom, the human being coming from that. Understanding the educational act as a considerable part of existence, freedom would then be born in the educational act and contradictory struggles. The Marxist educational perspective in Saviani (2011), Manacorda (1991), Mészáros (2008) and Gramsci (2001) stand here to feed our arguments.

KEYWORDS: Marxist education. Work and freedom. Philosophy of nature.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo socializar reflexões articuladas sobre o processo educativo cujo fundamento se sustenta na perspectiva marxista e aspectos da filosofia epicurista pontuados por Marx na sua tese intitulada “Diferenças entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro” (MARX, 1972). Tais reflexões tem ancoragem especial nessa obra seminal, centrando-se nas divergências e convergências pontuadas nos sistemas filosóficos de Epicuro e Demócrito por Marx. Tenta-se articular esses elementos filosóficos ao modo como são pensados os processos educativos que intencionam a emancipação humana como fator contribuinte para alcance da liberdade vista enquanto reconhecimento de seu papel na realidade concreta desmistificada.

O tensionamento que rege a discussão se faz em relação a ânsia de liberdade, a busca do prazer enquanto imperturbabilidade, o prazer pleno de certo modo advindo da inexistência de desejos derivados dos sentidos, a “ataraxia”, a paz do espírito, o assim considerado “bem supremo” em que se ocupa a mente humana. Essa liberdade estaria no encontro com o prazer advindo da razão, prazer do sábio que sendo algo presumível e inerente à natureza humana, embora acidental e em muito apenas representativo, que em relação ao pensamento em Epicuro não se “atribui aos estados nenhuma prioridade sobre as representações” (MARX, 1972, p.8). Para o epicurismo tudo pode ser observado e entendido, a filosofia precisa forjar essa busca onde nada permanece velado sem entendimento de sua factibilidade. Analogamente, seria esse o movimento a ser empenhado na práxis educativa, a desmistificação das coisas do mundo, sair do olhar sincrético para o olhar de síntese observando as tantas determinações dos fenômenos.

De início, afirma-se o caráter não conclusivo do texto e o anseio em trazer para discussão algo que poderá ser aprofundado posteriormente com estudos mais centralizados, ademais, evoca-se a riqueza epistêmica trazida por Marx em suas poucas abordagens sobre educação. Sobretudo, uma



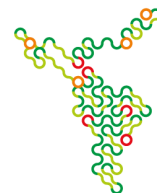
percepção importante é que Marx desde a gênese de sua teorização, em seu processo de análise vai acumulando o legado científico ao tempo em que conserva elementos históricos, negando-os e elevando-os ao núcleo racional de tais teorizações anteriores para considerações viscerais que de modo original desvelam a materialidade daquilo que está tratando.

Ancorando-se na visão dialética do mestre Hegel, subvertendo-a, e, refutando as refutações, decompõe a composição, desobstrui a tenuidade da explanação metafísica do real mobilizando a transição do idealismo para o materialismo. Expõe as anomalias filosóficas enrijecidas e afastadas do concreto, florescendo assim capacidades de interpretação das relações sociais. Marx faz emergir elementos basilares nos sistemas filosóficos de Demócrito e Epicuro, ao fazê-lo encontra as premissas para propositura do pensamento materialista histórico dialético. Nesse movimento, estabelece conexão entre os postulados materialistas filosóficos de Feuerbach junto ao idealismo do mestre Hegel (TONET, 2009) antecipando um campo de discussão que futuramente irá fundamentar a concepção materialista da história junto ao amigo Engels na obra “Ideologia Alemã” de 1846 (MARX & ENGELS, 2009)

Para Marx e Engels a liberdade “é um ato histórico, não um ato de pensamento, e é efetuada por relações históricas” (MARX & ENGELS, 2009, p.35) compreendemos a liberdade do átomo em seu movimento de declínio ocasional complexo espontâneo alheio a mecanicidade, como expressão desse perfil libertador. Traduzimos então esse mover atômico como estado seminal e atemporal da ânsia por liberdade, essa que sentimos constantemente e que nos leva a imergir nas revoluções internas de nosso ser. Ser esse movimento a chave existencial humana. Entende-se, pois, que o humano se constitui formado daquele (átomos), e nisso seu mover.

Trata-se da existência humana sem cerceamentos, receios ou medos que se forja no ponto em que o epicurismo desvela o mítico poder opressor dos deuses, ao desvelar os segredos do átomo sendo todos formados por este. Destitui-se o assolador sabor da finitude posta como a morte do corpo. A partir da noção física, em que Epicuro defende, que todos e tudo é feito de átomo e esses são indestrutíveis, então, existe uma continuidade para os elementos básicos dos corpos, todavia, em outros corpos outras formas.

Entendemos que faz parte da sociabilidade humana, durante a existência, vivenciar procedimentos de adestramento básico como falar, andar, alimentar-se, etc., e com o passar do tempo os sentidos refinando-se possibilitam entender e aceitar os contratos ou acordos sociais necessários

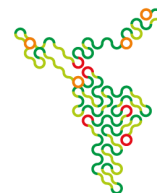


para sua própria sobrevivência. Os sentidos e a cognição adquirem compreensão dos significados dos fenômenos na escolarização. Ocupando-se por longo tempo em sua própria formação, o ser adquire subsídios ou elementos para agir em diversos campos de ação social. Pressupõe-se que a liberdade como antinomia da prisão, seria então alimentada por transformações forjadas no ato educativo engendrando assim suas próprias contradições.

Recuperando os motivos da discussão, consideramos interessante observar o tempo histórico onde nos situamos ao tecer as presentes inquietações e o tempo histórico de onde fala nosso autor. De quem ele fala e como ele fala. Marx na obra aqui referida, está aos 23 anos de idade, no ano de 1841, um jovem em seu doutoramento na Universidade de Iena na Alemanha. Ele resgata elementos da clássica filosofia de Epicuro e Demócrito cujo teor denota a já inicial, mas forte tendência de elucidação e transformação da realidade por seus escritos que vão se tornar atemporais.

Considerando a condição diatópica e distópica do Brasil onde temos atualmente o poder político autoritário, negacionista, privação extrema de qualidade de vida de grande parte da população trabalhadora em assim suscetível a corrupção, diante das dialeticidades das coisas e das realidades, não se destitui a factível lógica que incorpora o eixo da produção teórica marxiana ao tê-la como chave condutora da discussão presente, aja vista que, passado presente e futuro incorporam-se de alguma maneira em suas análises.

Vale destacar que o contexto histórico em que Marx elabora sua teoria social, conforme destacado por Gorender(2013) na introdução de “O capital” (2013, p. 21), traz em cena a complexidade inerente de suas origens, seu nascimento em família judia-alemã precisamente na complexa situação política de organização do Estado Alemão, fato em que seu pai, para trabalhar, manter a família e supostamente ser “livre”, precisa converte-se ao cristianismo. Desse modo, ocorria o processo de constituição do Estado alemão, fato esse a ser discutido por Marx mais tarde em seu escrito “A questão judaica” (MARX, 2009). Esse quadro serve como prólogo de densa construção intelectual e existencial para Marx e para o fundamento da teoria social que irá expressar a anatomia estrutural da sociedade industrial, seus meios e modos de produzir e situar os seres nesta. Quanto aos personagens de destaque trata-se do filósofo grego Demócrito de Abdera (460 a 370 a.C) e Epicuro de Samos (341 a 270 a.C) ambos percussores da teoria atomista, os quais se ocupavam na busca filosófica da verdade da natureza vendo no átomo, a pedra angular da engenharia do universo e de todas coisas nele existentes.

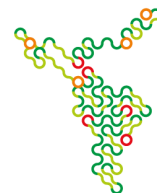


A obra corporifica considerações seminais do pensamento marxistas que irá se consolidar mais adiante como método materialista histórico dialético, ou seja, assim como Epicuro desvela as obscuridades e limites do olhar de Demócrito sobre o átomo, também Marx vai revolucionar desvelando meandros para além da aparência do modo de produção da riqueza, consumo e organização da sociedade, segundo Florestan Fernandes na introdução da obra “ Contribuições à crítica da economia política” e “a dialética marxista é em si mesma revolucionária..... a teoria social em Marx nos ensina que precisamos mais do que nunca lutar contra o capitalismo, pela humanidade” (FERNANDES, 2008, p.17). Detalhe, em 1841 o autor ainda não traz elementos do pensamento de seu parceiro Engels, isso ocorrerá em suas produções futuras.

A tese marxiana justifica-se no destacado vácuo de objetividade visto por Marx em relação à situação da filosofia grega naquele tempo. Ele afirmava que apesar da existência de grupos filosóficos como epicuristas, cétricos e estóicos o pensamento filosófico depois de clássicos como Aristóteles (384-322 a.C) havia perdido o nexos com a reflexão que origina-se na ânsia de compreender o real e transformá-lo, e, para Marx os filósofos então estariam seguindo o caminho do “ciclo genérico e vago da existência, a saber; nascer, desenvolver e morrer mas que a morte também significa vida”(MARX,1972, p.132). Sobretudo, considerando epicuristicamente a questão da finitude trazida pela morte na contradição entre a percepção clássica sobre, com a percepção de Epicuro, esse que ao vê-la não como um crepúsculo, mas, como o alvorecer da vida, tece considerações acerca dos mistérios que haveriam de ser desvendados sobre a verdade.

É nessa direção que Marx (1972, p.137) vai questionar por que a filosofia tendo avançado tanto com Platão e Aristóteles havia recuado para o passado reduzindo sua reflexão aos aspectos simplistas tais como a natureza, a ética e a física. Nessa abstração faz sua opção diante da inquietação posta, a saber, estudar as convergências e divergências nos postulados da teoria atômica de Epicuro e Demócrito.

De fato, a abordagem teórica marxiana e marxista quando empregada na pesquisa conduz ressignificações diversas e profundas sobre o real. A dimensão filosófica que alicerça o método subjacente à ação, forja a imersão nas contradições e múltiplas determinações em abstração do fato ou objeto estudado. Marx (1972) revela como o fundamento filosófico e a intencionalidade objetiva exerce força na observação, análise e síntese das contradições das categorias de uma totalidade. No caso dos sistemas atomistas a determinação e a idealidade situam-se em fricção dialeticamente



embrenhadas nas diferenças entre a filosofia da natureza nos filósofos gregos, os quais pensaram e viveram em épocas distintas, contudo, convergem no entendimento do átomo como origem da natureza sensível.

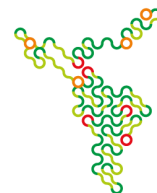
Do livre arbítrio atômico expresso na filosofia epicurista ao livre arbítrio imanente no ato de ensinar e aprender, considerando a autonomia de quem ensina e de quem aprende, o eixo da reflexão seria o movimento apregoado no arbítrio subjetivo do ser humano que pode escolher, entre permanecer agrilhado ao sistema posto como fato dado mesmo sentido ser esse seu algoz, ou, compreender a realidade e suas minúcias e assumir o revolucionamento individual e quiçá coletivo desafiando o devir.

Longe de querer conceber o ato educativo de modo messiânico, ou vê-lo como único processo capaz de restituir a dimensão humana no humano, assumimos a defesa da educação como apropriação do legado científico e histórico que somado ao sincretismo do senso comum individual e coletivo, ao processo de desalienação projetado em diferentes frentes da existência, emerge a visão crítica sobre os fatos e coisas e como tal contribui na desmistificação da realidade. Consideramos isso similar ao que é posto no processo de superação do temor à morte significado na teoria atômica epicurista.

Entendendo que aquilo que se desvela, não se vela, o artigo se organiza em dois tópicos com atenção nos princípios filosóficos marxistas e observando as convergências e divergências trazidas em torno das filosofias de Demócrito e Epicuro. Seguidamente dialogamos sobre o aspecto da liberdade presente no sistema epicurista fazendo analogia com aspectos do trabalho educativo na perspectiva marxista, seja na formação humana dos sujeitos.

ELEMENTOS FILOSÓFICOS EM DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS NOS SISTEMAS DA NATUREZA EM DEMÓCRITO E EPICURO

Para iniciar a discussão, abordaremos aspectos referentes aos elementos de convergência entre o pensamento atômico defendido por Demócrito e Epicuro, ou seja, a busca realizada por ambos no que tange a verdade acerca da existência das coisas, dos fenômenos em sua materialidade. Tal materialidade estaria contida na menor parte indivisível das formas mesmo nos deuses, essa materialidade seria o átomo, a parte indestrutível da matéria.

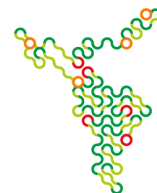


Com perspicácia filosófica Marx (1972) apresenta a dialética imanente da filosofia epicurista e segue afirmando que “deverá considerar-se este trabalho como um esboço de uma obra mais importante onde exporei detalhadamente o ciclo das filosofias epicuristas, estoicas e cética, nas suas relações com o conjunto da especulação grega” (1972, p. 123). Em seu prefácio ele observa que Hegel, seu preceptor, já havia pontuado elementos gerais presentes na filosofia epicurista, no entanto, não havia alcançado o reconhecimento de modo preciso sobre o valor do postulado epicurista, em especial na organização da própria filosofia grega.

Elaborando a defesa acerca do epicurismo, Marx contraria as oposições feitas contra o sistema filosófico tecendo críticas às críticas feitas especialmente pelo filósofo Plutarco¹. Pontua que Epicuro parte do que foi alicerçado por Demócrito na base em relação a teoria atômica e de fato consegue avançar da simples apresentação da externalidade do fenômeno, expondo outras nuances. Na verdade, os críticos tinham um aspecto comum nas suas críticas sobre Epicuro, estavam certos quanto a afirmação que o mesmo havia buscado suas bases na teoria atômica elaborada por Demócrito. Firma a ideia que “Enquanto Demócrito, insatisfeito com a filosofia, se lança nos braços do saber empírico, Epicuro despreza as ciências positivas, pois elas em nada contribuem para a verdadeira perfeição” (MARX, 1972, p. 149).

Das inúmeras contradições entre verdade e certeza em Demócrito, destacaremos alguns elementos preponderantes para discussão presente. Para Demócrito, apenas o fenômeno é verdade, a alma e o entendimento são sinônimos, é verdade, em seguida afirma que somente átomos e vazio são verdade, o resto é aparência ou doxa, simples opinião, tal como a sensação do frio ou do calor pelo corpo, etc. Toda verdade está escondida, oculta aos seres, mas, como estará o verdadeiro escondido? Pois, afirma ele que toda coisa se torna uno na combinação dos átomos (seja, torna-se verdade?). Adiante vai afirmar novamente que a razão deve se ater nas considerações, ou seja, estudo, sobre as ideias ou aquilo invisível aos sentidos, exatamente por serem estes tão pequenos, ou super consideráveis. Nesse sentido, se o átomo é sensível, instável é fenômeno, então não pode ser verdadeiro, porque Demócrito afirma que os fenômenos sensíveis não são verdadeiros, estariam postas algumas de suas contradições.

As contradições de Demócrito continuamente se enfileiram confusamente sem conexões plausíveis, o filósofo constrói e desconstrói suas próprias assertivas ao sinalizar que primeiro o átomo é coisa em si, logo substrato da matéria, substrato das formas, logo também é determinado. Todavia



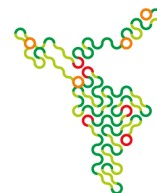
para ele (Demócrito) as formas são diversas e indeterminadas, em segundo o fenômeno sensível é apartado do mundo dos átomos, não é átomo, mas, o fenômeno é constituído de átomos, então é átomo, no entanto o fenômeno sensível é único objeto verdadeiro, de modo que podemos conhecer o verdadeiro conhecendo os fenômenos sensíveis, no entanto, a alma e os fenômenos são verdadeiros, finalmente para esse filósofo o verdadeiro está oculto aos seres humanos, seja o verdadeiro é inconcebível. Para dissipar a nebulosa confusão teórica Marx vai pontuar as características identitárias filosóficas fundante dos filósofos citando que;

Um cético (Demócrito) considera o mundo sensível uma aparência subjetiva e entrega-se a ciência empírica da natureza... representa a inquietude da observação (contradição). Outro dogmático (Epicuro) considera real o mundo sensível objetivo, nega o empirismo, aquieta o pensamento na satisfação em si (contradição) (MARX, 1972, p. 155).

No postulado epicurista o átomo é representação da essência e aparência, dialeticamente o átomo é a forma natural da consciencia de si abstrata, também é a natureza, seja, consciencia de si objetiva. O átomo sendo o fenômeno sensível, é objetivo, é onde o mundo objetivo se faz sensorial (sentidos) sendo então inteligível (átomo), ambas as dimensões se mesclam na existência dos fenômenos. Para Epicuro, segundo Marx, o todo, os corpos de modo geral, são feitos por corpos e por um vazio, e ainda afirma adiante que existem princípios fundamentais indivisíveis que formam os corpos, de fato estes são os átomos.

Marx afirma que “Epicuro faz da contradição, entre matéria e forma o caráter da natureza fenomênica” (MARX, 1972, p.199). De fato, o epicurismo situa a dialética como essência interna de todas as determinações ontológicas, as determinações de mundo são falsas, o mundo é indeterminado, a matéria seria eterna assim como o vazio também eterno. Existencialmente a dialética é princípio de ser do átomo sendo sua essência é originária da constituição de todos os fenômenos sensíveis e insensíveis. As assertivas de Epicuro transgridem as certezas do principio atômico da liberdade da desmistificação dos “meteoros” (corpos celestes), a “ataraxia” proposta por ele, seja a firme confiança, a serenidade, o prazer do sábio a ser sentido pelo individuo como já citado anteriormente, seriam assim alimentos para o destemor no ser humano, nessa relação Marx afirma que:

Tal como objetivo genérico da fisiologia consiste em descobrir as razões do que é mais importante, também aqui a bem-aventurança depende do nosso conhecimento sobre os meteoros. Considerada em si e por si, a teoria do levantar e do deitar, da oposição e do eclipse não contém nenhuma razão particular de felicidade; mas o terror possui aqueles que veem esses fenômenos sem lhes conhecerem a natureza e as principais origens (MARX, 1972, p. 207).



Epicuro vai propondo a partir do entendimento do movimento atômico, a factibilidade da liberdade do ser humano em relação aos aspectos dogmáticos da mitologia, da veneração aos corpos celestes imposto como controle político social, tal era costume naquela época (ainda hoje). Entende que essa veneração condenava os seres ao medo, nisso, ele opõe-se a todas as concepções gregas naquele viés, afirma então que “os filósofos gregos adoravam nos corpos celestes seu próprio espírito” (MARX, 1972, p. 203). A relação entre deuses e homens mistificada e mitificada na filosofia, acorrentava o ser humano ao temor intencional por ser isso útil às “leis e a vida” vigente naquela sociedade temporal. O lugar mais elevado para os gregos se denominava “éter”, seria o tempo eterno, o lugar das divindades, os seres imortais, seria algo para além dos elementos naturais tais como fogo, ar, água e terra, elementos fundamentais para todos os fenômenos mortais e finitos. Este se constituía junto aos deuses aos corpos celestes ao que se designava o “éter” um elemento indestrutível, sem origem, autógeno, não afetado pelas limitações, distante dos infortúnios humanos.

Marx (1972) destaca nesse ponto questões de ordem ética presente no epicurismo, se o problema da filosofia é responder ao bem humano, nada que se oponha ao que condiz esse bem pode ser aceito como verdade. No epicurismo a concepção mítica dos corpos celestes contraria a ataraxia, a ataraxia para Epicuro é o estado de bem estar do ser, um estado existencial a ser almejado que se expressa entre outros no sentido de destemor, no prazer, na serenidade do sábio, e Epicuro leva essa felicidade para filosofia; “é a filosofia que debes servir para que alcances a verdadeira liberdade. Aquele que se submete a ela se entrega já não tem que esperar; é imediatamente emancipado. Pois a felicidade consiste precisamente em servir a filosofia” (MARX, 1972, p.148).

Um imperativo filosófico para forjar a liberdade e destemor na sociedade grega seria explicar materialmente a existência dos fenômenos celestes, os corpos celestes significavam os deuses, aqueles que regiam a ordem natural na terra, e, assim sendo o céu regia a terra. Marx segue afirmando conforme Epicuro, que as explicações são possíveis desde que se aparte o mito, e para tal é preciso observar as micrologias do invisível, sendo o átomo constituinte de todas as coisas, princípio universal, também princípio gerador dos corpos celestes, seja, do éter, o elemento superior, o salto científico filosófico estaria dado. Na dialética desvelada do princípio formador estaria a formação da própria liberdade.

Esse entendimento dialético da constituição das formas reverbera no sentimento de não finitude, no entender que a morte enquanto momento derradeiro da materialidade conforme era proposto, não



seria mais temida. Considerando que os corpos vivos são formas feitas por átomos, e que, a matéria final de um corpo morto se decompõe em átomos que estarão na formação de outros corpos, substratos na constituição de outras formas todas compostas de diversas dimensões físicas e espirituais, unas e diversas. Desse modo, os átomos estarão perpetuando a existência ao constituir novos fenômenos, por isso, de alguma forma o indivíduo é imortalizado, tal como os deuses, ele também sendo composto de átomos tem sua formação por composição indestrutível de certo modo.

A partir desse entendimento, Epicuro vai situar certa ruptura com toda direção linear da filosofia grega, e, dialeticamente compõe um quadro que desmistifica a idealização e idolatria intimidadora que existia imposta na concepção relativa aos corpos celestes. A conclusão epicurista vai afirmar que sendo tudo originário dos átomos, incluso deuses, e se de fato podemos torná-los (átomos) cognoscíveis, podemos do mesmo modo tornar os deuses cognoscíveis. Desse modo pela lógica, uma única física para compreender toda a natureza. Grosso modo, não tememos aquilo que nos é conhecível, de fato, o que tememos é o que desconhecemos originalmente. Epicuro foi capaz de ser o primeiro a perceber a essência da repulsão atômica, o enigma da liberdade ontológica posta no movimento do átomo, um salto conceitual filosófico diante da percepção reduzida à dimensão material do átomo na concepção de Demócrito.

Marx corrobora com Epicuro dizendo que “as imagens são formas dos corpos da natureza, os sentidos visão audição tato olfato paladar seriam meio da sensibilidade humana de ver-se a si mesma” (MARX, 1972 p. 200), os sentidos, a empiria, seria o único critério na natureza concreta tal como a razão abstrata no mundo dos átomos. Nesse sentido para contribuir com nossa limitação epistêmica, todavia curiosa, vamos nos abrigar na leitura marxista em Saviani (2011), na leitura marxista de Martins e Santos (2017), Manacorda (1991), Gramsci (2001) e Mészáros (2008) para esboçar a abstração preliminar em torno do ato educativo emancipador. O ato educativo como transformação do ser, esse que é transformador de si e da natureza, via seu trabalho ao movimento de simples reação pela sobrevivência autônoma, tal qual o movimento de liberdade do átomo em Epicuro, se fazem assim traços constitutivos do sentido de liberdade, seja, na dialética entre as dimensões concretas e abstratas do reconhecimento metafísico e empírico da existência.



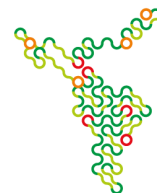
***O MOVIMENTO DE LIBERDADE EPICURISTA NO MOVIMENTO EDUCATIVO
MARXISTA: MUNIÇÃO PARA LIBERDADE NA LUTA DE CLASSES***

O movimento do átomo em desvio ou o “clinamen” defendido no epicurismo, trata-se de um movimento filosófico, logo engendra significado na ação e no pensamento na práxis humana. Marx (afirma que a hipótese da declinação do átomo é a representação de sua alma (átomo), sua singularidade abstrata, ao entender esse aspecto nos reportamos em analogia sobre o movimento imanente de liberdade contido no trabalho educativo na perspectiva marxista. A liberdade na concepção prática da vida concreta pressupõe o entendimento da própria concretude real, da totalidade e seus determinantes espalhados em suas partes. O papel a ser desempenhado na escola para o alcance dessa liberdade, é levar os sujeitos a sair da concepção sincrética empírica para uma análise abstrata identificando cada parte, determinantes, cada elemento que se faz e constitui no todo. Para compreender o pensamento educativo marxista buscamos apoio nas palavras de Saviani (2011).

Eis o que se configura como uma teoria marxista da educação. Tal teoria claramente realista, em termos ontológicos, e objetivista em termos gnosiológicos, movem-se no âmbito de dois princípios fundamentais: 1. As coisas existem independente do pensamento, com o corolário: é a realidade que determina as ideias e não o contrário; 2. A realidade é cognoscível, com o corolário: o ato é criativo não enquanto produção do próprio objeto de conhecimento, mas enquanto produção das categorias que permitem a reprodução, em pensamento, do objeto que se busca conhecer (SAVIANI, 2011, p. 21).

Entendemos, pois, que a concepção de educação cunhada no marxismo tem no pensamento pedagógico elaborado por Saviani (2011) concretude e expressão, corroborando a liberdade engendrada na teoria atomista conforme o epicurismo. A determinação e idealidade em tensão dialética na teoria dos átomos sinaliza a atemporal relação do ser humano em busca desse sentido caro e desejado pelos seres, a liberdade. Ancoramos nosso barco na reflexão ao trabalho educativo enquanto processo formativo que edifica e refina os sentidos humanos para assunção da realidade, para realização potencial de expressão autoral criatividade da cognição humana. Seja, de quem o faz e de quem dele se serve, intencionamos estar na filosofia que alimenta esse trabalho, o espaço de desnudamento dos significados da existência, sua liberdade. Entendendo que para Marx (1972) a filosofia é tomada da consciência de si, é caminho aberto para liberdade, a dialética seria essência interna de todas as determinações ontológicas, incluso da filosofia. Marx cita:

O homem só deixa de ser um produto natural quando o outro com quem se relaciona for um homem singular, mesmo que não seja ainda o espírito... mas para que o homem enquanto homem se torne para si mesmo o seu único objeto efetivamente real é necessário que tenha



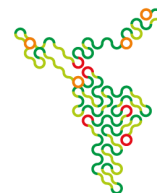
negado o seu ser-ai relativo, o poder de seus apetites e da natureza simples (MARX, 1972, p. 175).

Deveras que o caminho traçado na filosofia de Epicuro rompe paradigmas e traduz outra compreensão filosófica sobre o sentido da liberdade humana, a liberdade do átomo em seu movimento de libertação do ser-ai para ser para si, no seu “clinamenⁱⁱⁱ”, se faz expressão da própria ontologia do anseio humano pelo ser para si. Filosoficamente o trabalho dos dois filósofos tem tendências, a tendência em Demócrito teria sua ação na crítica, voltar-se para o externo da filosofia e a tendência em Epicuro teria sua ação no filosofar, voltar-para si da filosofia.

Mészáros (2008) contribui nessa abstração quando diz ser preciso romper com a lógica do capital para causar realmente a mudança via movimento educacional, e quiçá com isso prover os trabalhadores de um processo formativo capaz de desalienação subjetiva e objetiva. Pressupõe-se que a formação do trabalhador precisa contemplar o desnudamento das possíveis trajetórias de transformação e uso do livre arbítrio, da sua força de produção manifestos no trabalho e saber para que serve o que está a fazer, quais os fins. Numa perspectiva marxista a inteligibilidade do fazer contida mesma no ato do trabalho como constructo social, se realinha e refina durante a trajetória formativa escolar.

O fazer pedagógico nessa relação precisa possibilitar ao trabalhador re-apreensão do real via entendimento do sentido científico das coisas que ele produz, de sua própria importância para o sistema produtivo e especial de sua exploração pelo dono dos meios de produção, ou pela barbárie em que se encontra pelas condições sociais. Tal educação deve prover esse encontro com processos degradantes psicossociais, econômicos, racistas entre outros que estando no fenômeno da existência podem ser mudados. Os pressupostos teóricos da formação humana refinam com essa base científica os constituintes do fazer técnico primariamente aprendido pelo trabalhador no seio familiar. Apresentados conforme o legado da ciência clássica, os saberes casando-se com a politecnia, a dimensão científica e o cuidar do físico biológico implica na onilateralidade, sendo uma dimensão originária e orgânica uma com a outra (MARX, 2014).

De fato, os elementos da técnica empregadas no trabalho que surge na educação familiar adquire seu fundamento ao ser abordado via uma pedagogia articuladora da ciência com a realidade social. Isso significa levar o estudante trabalhador ou filho deste ao processo de ir além das fases cognitivas de aprendizagem saindo do âmbito sincrético passando para análise da realidade, seguida na instrumentalização que é o aporte das ciências indo para um processo de catarse, incorporação



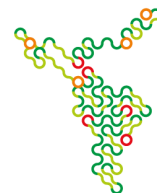
cognitiva e retorno as questões da vida social. Esses são os passos traçados na Pedagogia Histórico Crítica (PHC) que segundo Saviani (2013) cumpre a função principal da ação educativa por ser crítica, todavia não reprodutivista, por ser científica e não pseudo científica, e por ser não reacionária ao incorporar em seus processos todos os avanços alcançados pelos estudos e pesquisas historicamente já realizados. Sobretudo a PHC vem superando históricos limites educativos desafiando o ser humano a enxergar o sujeito capaz de transformar a si e a sociedade onde se encontra. Essa ação tendo nas suas bases a perspectiva marxista é constituída na própria dialética, é o fazer formativo que em sua integralidade desfaz as obscuridades acerca do real ao tempo que expõe o real concreto e suas anterioridades aos sujeitos aprendentes.

A intencionalidade adjacente na proposta pedagógica nessa perspectiva apresentada por Saviani (2013) desnuda os horizontes da idealidade, põe a mostra a distopia do real. Todavia, não prescindindo do ato de planejar, organizar, pensar em diferentes aspectos que devem estar presentes nesse fazer pedagógico, como afirma Saviani:

Parece, pois, ser possível, sem maiores dificuldades, concluir que a pedagogia socialista compatível com o marxismo será aquela que, fundando-se sua perspectiva do “socialismo científico”, busque equacionar o problema da relação professor-aluno, orientando o modo como se deve realizar o processo de ensino e aprendizagem (SAVIANI, 2011, p. 22).

Nesse sentido, ancoramos também no pensamento de Gramsci (2001) em que a escola é o instrumento para formar os intelectuais, esses intelectuais emergindo na própria classe dos trabalhadores, ou mesmo em outra classe. Estes servirão por sua organicidade com a classe aos processos organizativos dos objetivos da classe onde atuam. Para efetivar esse fazer articulador e fortalecedor da unidade de classe, a escola deve então servir como espaço de fortalecimento técnico e intelectual refinando o saber humano, possibilitando acesso ao saber histórico e atual, forjando a criticidade ativa, não reprodutiva.

A escolarização enquanto processo, ao atuar nesse refinamento dos sentidos e da cognição vai ancorando saberes científicos aos saberes comuns trazidos da vida social. Existe um mínimo de intelectualidade em cada ação executada pelo ser humano mesmo anterior a sua escolarização, o ser ao exercer uma técnica, ao montar certo objeto ou projetar esse objeto mentalmente se vale da ação exercida sob a égide do seu cognitivo, talvez mesmo no nível superior ou de nível elementar. Nesse sentido, estariam juntas as atividades cerebrais, empíricas e psicológicas no agir humano, isso corrobora com o que Marx defende conforme a seguir:



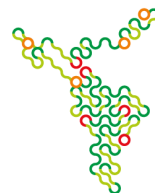
A aranha executa operações que lembram as de um tecelão, e as caixas que as abelhas constroem no céu poderiam envergonhar o trabalho de muitos arquitetos. Mas mesmo o pior arquiteto difere da mais hábil abelha desde o princípio, pois antes de ele construir uma caixa de tábuas, já a construiu em sua cabeça. No término do processo de trabalho, ele obtém um resultado que já existia em sua mente antes que ele começasse a construir. O arquiteto não apenas muda a forma dada a ele pela natureza, dentro dos limites impostos pela natureza, mas também leva a cabo um objetivo seu que define os meios e o caráter da atividade ao qual ele deve subordinar sua vontade (MARX, 1978, p. 149).

Também em Martins e Santos (2017) a partir de uma leitura marxista, vem afirmando que as poucas citações sobre o ensino nas obras de Marx e Engels orientam princípios basilares para luta entre proletariado e burgueses e com isso situa a educação como meio de emancipação humana na assumpção de cada um em si. Analogamente a teoria epicurista, na busca no desvelamento da materialidade dos corpos celestes, da libertação do mítico poder, se situa na luta entre subjugados e subjugadores. Finalmente Mészáros (2008, p. 17) define que “ao pensar a educação na perspectiva de luta emancipatória, não poderia senão restabelecer os vínculos – tão esquecidos – entre educação e trabalho, como que afirmando: diga-me onde está o trabalho em um tipo de sociedade eu te direi onde está a educação”, a liberdade do ser, a liberdade do átomo, somos todos átomos, de modo que nos constituímos na liberdade em cada uma das nossas singularidades.

CONSIDERAÇÕES

A leitura nos situa cada vez mais próximo do entendimento da realidade, isso faz com que o compromisso com a transformação da mesma se fortaleça, Ao mesmo tempo percebe-se que a educação que herda historicamente tradições filosóficas tem se desviado do caminho da emancipação, dentre tantos atalhos tomados o modelo educacional atual tem-se proposto ao serviço do sistema capitalista na situação de fortalecimento da opressão aos já oprimidos. Podemos afirmar que a educação na perspectiva marxista representa um perigo para o sistema capitalista, pois, na sua imanente natureza emancipadora forja competência nos sujeitos tornando-os capazes de decifrar os enigmas do capital, a pedagogia marxista representa a resposta certa dada à esfinge por Édipoⁱⁱⁱ, seja, saber qual é a resposta aos desmandos sofridos na espoliação, saber qual educação não responde ao processo de subjugação dos trabalhadores, saber da alienação que desumaniza e oprime.

A relação entre opressor e oprimido tem sido historicamente a saga da humanidade, como diz Marx (2009) é preciso mudar em suas raízes o sistema que condiciona o próprio homem ao egoísmo social, a solidão coletiva, quebrar as correntes míticas do sistema que se julga invencível, tal qual a



esfinge de Édipo, ou o desafio filosófico e metodológico vencido por Epicuro “... pela primeira vez um homem, um grego, ousou levantar contra ela (religião), seus olhos humanos e ousou defrontá-la e assim a superstição foi deitada por terra e pisada aos nossos pés; esta vitória elevou-nos aos céus”, concluímos com as palavras de Lucrécio em homenagem à Epicuro conforme repetida por Marx afirmando a resistência ao estado indesejável das coisas.

REFERÊNCIAS

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. Os intelectuais. Princípio educativo. O jornalismo.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Vol. 2. 2ª edição. RJ. Editora Civilização brasileira, 2001.

MARX, K. **Diferenças entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro.** Tradução Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. UFMG. Editora Presença. Biblioteca universitária, 1972.

_____. **Para questão judaica.** Tradução de Jose Barata Moura. São Paulo. 1º ed. editora Expressão popular, 2009.

_____. **O capital I. Crítica da economia política.** Tradução de Rubens Enderle. SP. Editora Boitempo, 2013.

_____. **Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do Sr. Proudhon.** Tradução de José Paulo Netto. 1º ed. SP. Expressão popular. 2009.

_____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.** Tradução de Nélio Schneider. SP. Boitempo. 2011.

_____. **Crítica do programa de Gotha.** Tradução e notas Rubens Enderle. SP. Boitempo. 2012.

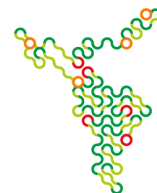
_____, K. Engels, F. **O manifesto comunista.** Tradução Luciano Carvini Matorano. São Paulo. Ed. Martin Claret. 2014.

_____, K. **Contribuição para a Crítica da Economia Política.** Trad. Edgar Malagodi. Coleção Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. 1978.

MARTINS, S. A. SANTOS, F. S. **Teoria Marxista na Educação: a contribuição de Bogdan Sucholdoski.** ANAIS DA XIV JORNADA DO HISTEDBR. Pedagogia Histórico-Crítica, Educação e Revolução: 100 anos da Revolução Russa. UNIOESTE – FOZ DO IGUAÇU-PR. ISSN: 2177-8892. 2017. Acesso em 11/05/2019. Disponível em: www.midas.unioeste.br/sgev/eventos/463/

MANACORDA, M.A. **Marx e a pedagogia moderna.** São Paulo. Cortez/ Autores Associados. 1991.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital.** Tradução Isa Tavares. SP. 2º ed. Editora Boitempo. 2008.



SAVIANI, D. **Pedagogia Marxista**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 16-27, abr2011 - ISSN: 1676-2584. Acesso em 11/05/2019. Disponível em: <http://periodicos.spu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/artigo>

_____, D. **Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024**. Coleção Polemicas do Novo Tempo. Campinas. Autores Associados. 2014.

_____, D. **Pedagogia Histórico-Crítica. Primeiras aproximações**. 11 edição. Autores Associados. Campinas. São Paulo. 2013.

ⁱ Filósofo grego que divergia da filosofia proposta por Epicuro por considerar o medo e o ser transcendente como essência do entendimento filosófico da existência (Marx 1972).

ⁱⁱ Movimento atômico descrito por Epicuro como desvio do átomo em queda que caracteriza seu livre arbítrio no momento de constituição das formas.

ⁱⁱⁱ Mito da antiguidade grega usado por Sófocles na tragédia Édipo rei.